

## **RELAÇÕES DE GÊNERO E A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA NO REGIME DA NORMALIDADE**

Juliana Casotto Pirchiner - mestranda do Programa Educimat, do Instituto Federal do Espírito Santo (Campus Vitória), e-mail: casottopirchiner@hotmail.com

Denise Carla Goldner Coelho - Ifes campus Colatina, e-mail: dcgcoelho@hotmail.com

### **RESUMO**

*Nos moldes hegemônicos, o que aceito pela maioria é tido como normalidade e dentro deste contexto se produz a diferença, entre elas a de gênero. As instituições de ensino podem ser instrumento de reprodução social ou de libertação e superação das desigualdades. De tal modo, este artigo tem como objetivo analisar como o regime da normalidade tem produzido diferenças entre os gêneros na docência da Educação Profissional e Tecnológica. Por meio de uma abordagem qualitativa a pesquisa se deu no Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vila Velha, em que se realizaram entrevistas abertas, gravadas em áudio e registro de observações em diário de campo, tendo como sujeitos epistemológicos os professores e professoras dos cursos de química. Os resultados apontam que apesar ou por conta de ser uma instituição de ensino com grande participação da mulher na docência, docência e gestão, existe uma produção da diferença entre gêneros de forma sutil, minimizada ou até mesmo oculta.*

**Palavras-chave:** Mulher na docência; gênero; ensino de química; produção do diferente.

### **1. INTRODUÇÃO**

Historicamente as mulheres são um grupo social excluído em muitas sociedades, pois desde os primórdios houve a divisão do trabalho que, de acordo com pensamento durkheimiano é uma das bases fundamentais da ordem social, e no processo uma hierarquização que colocou a mulher como inferior ao homem. Nesse sentido, a caracterização da divisão do trabalho se configurou, ou seja, houve separação, hierarquização, polarização e como destaca Bourdieu (2014) a dominação simbólica do trabalho.

Na maioria das sociedades ocidentais, esta construção atribuiu superioridade ao gênero masculino em detrimento do gênero feminino. A hierarquização da

diferença transformou-se em desigualdade entre os sexos, principalmente no que diz respeito a dicotomia dos espaços público e privado e de acordo com Saffioti (2004) nos últimos milênios as mulheres estiveram hierarquicamente inferiores aos homens. Algo de fácil aferição com a construção de aportes de dominação simbólica material como no patriarcalismo (SAFFIOTI, 2004).

Na ciência a mulher também foi apartada deste campo durante um longo período histórico, principalmente na Idade Média, poucas ousaram subverter a ordem, infligir o regime da normalidade e o papel a elas imposto. As mulheres cientistas deixaram grandes contribuições para o desenvolvimento científico, contudo, os nomes femininos nas ciências são raros na história.

Podemos constatar que a participação da mulher na ciência ainda é desigual. No CNPQ, em 2008, o número de bolsas por ano no Brasil na área das ciências exatas e da terra foi igual a 3217 para mulheres e 5744 para homens Poletto (2009). Atualmente, de acordo com o Mapa de Investimentos do CNPQ (2016) existem 4.015 bolsas somente na área de química. No Espírito Santo são 30 bolsas na área de química, 18 bolsas estão na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) Campus Vitória, onde 09 estão com homens e 09 com mulheres, e 12 bolsas se encontram no IFES campus Vitória, sendo 08 para homens e 04 para mulheres. Estes dados mostram que houve um avanço, entretanto a desigualdade no que tange a pesquisa ainda permanece.

Deste modo, a pesquisa tem como questão norteadora “em que medida o regime da normalidade produz a diferença para a mulher na docência da Educação Profissional e Tecnológica?”

Partindo do pressuposto de que o regime da normalidade com seus discursos também produz a diferença entre homens e mulheres docentes nas ciências duras, o artigo se propõe a contribuir na sensibilização de que há uma dominação masculina e simbólica na sociedade, presente também no espaço

educacional, e assim promover uma mudança comportamental nos docentes na busca por uma igualdade de gêneros.

### **1.1 Objetivos**

O objetivo da pesquisa foi analisar como o regime da normalidade tem produzido diferenças entre os gêneros na docência da Educação profissional e Tecnológica, identificando os caminhos que levaram as mulheres docentes a formação e atuação no curso de química; detectando os discursos sexistas naturalizados presentes nos discursos dos docentes; descrevendo como se dão as diferenças entre os docentes do curso de química no IFES Vila Velha e contribuindo para a superação da diferença de gêneros na docência do respectivo Campus.

### **1.2 Referencial teórico**

Para tanto, esta pesquisa foi realizada tomando como base teórica a socióloga Heleieth Saffioti (2004) e a historiadora Maria Beatriz Nader (2013, 2014) que tratam das relações de gêneros e do papel social da mulher no mercado de trabalho. Bourdieu (2014), Butler (2013, Forde (2011) e Beauvoir (1980) também nos fazem entender as diferenças construídas ao longo da história, das sociedades e da cultura. Entretanto é preciso destacar que há divergências de pensamentos entre estes autores, pois há os que discorrem sobre o gênero, os que falam da sexualidade ou do que é ser homem ou mulher e os que vão além, como é caso de Butler que ultrapassa o gênero, ampliando, fazendo um estudo queer.

De acordo com Forde (2011), não nascemos homem e mulher, tornamo-nos homem ou mulher, pois se trata de uma produção social criada dentro de uma normatividade. Biologicamente nascemos masculino ou feminino. Esta construção parte dos enunciados do que é ser homem e ser mulher em dado tempo histórico social e cultural.

Para Simone Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher (1980, p. 99 ).

E explica que

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino (BEAUVIOR, 1980, p. 99).

Assim como Forde (2011) reafirma a construção social do que é ser homem e mulher bem como o papel social destes, entendendo que só é possível a constituição do indivíduo em outro pela mediação de um outrem.

Pierre Bourdieu em seu livro *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* não chega a discorrer sobre o gênero, mas destaca que a sexualidade tal como a entendemos é uma invenção histórica. Ressalta que a divisão entre os sexos parece estar nas ordens das coisas, tida como normal, natural, a ponto de ser inevitável.

Ao contrário de Bourdieu, a filósofa norte-americana Judith Butler (2013) discorre sobre o gênero considerando este performativo, ou seja, ninguém pertence a um gênero desde sempre, seu comportamento cria seu gênero. Nós agimos, andamos e falamos de forma que consolidam uma impressão de ser homem ou mulher.

Saffioti (2004) defende que o gênero acompanha a humanidade desde sua existência e não é um conceito neutro, ele carrega a ideologia patriarcal que fundamenta a discriminação socialmente construída contra a mulher e o negro no Brasil. Esta ideologia patriarcal, é que forjou durante anos o fato das mulheres permanecerem hierarquicamente inferiores aos homens.

Para a historiadora capixaba Maria Beatriz Nader (2014) em todas as culturas, seja oriental ou ocidental, os papéis sociais são delineados com muita rigidez configurando uma grande diferença entre os papéis masculinos e femininos. De acordo com Nader (2013, p. 4), “[...] nas sociedades patriarcais a relação

hierárquica e de autoridade se baseia no princípio da superioridade masculina que se constitui em um ingrediente fundamental dos mecanismos de dominação de gênero”. E mesmo desconstruindo os papéis sociais estabelecidos, as mulheres encontram resistência dos que querem manter o *status quo*.

Assim a sociedade brasileira, enquanto sociedade ocidental, normatizada (Foucault, 1987), colonizada (Boaventura, 1989) segundo às marcas, à égide, do clã patriarcal, vive os bens simbólicos desta sociedade e desta normalidade (Bourdieu, 2014). Não sabe assim, operar noutras formas, ou segundo Butler (2013), não consegue dançar noutro ritmo, noutra performance.

Deste modo, a defesa deste trabalho vai em direção das visões dos autores, ser homem ou mulher é uma construção social, histórica e cultural. E esta construção tem por traz a ideologia de como se deve comportar, se vestir, enfim qual o papel social dos homens e mulheres.

### **1.3 Procedimentos metodológicos**

Para realizar esta investigação adotou-se a metodologia qualitativa descritiva. A pesquisa se deu por meio de observações relatadas no diário de campo, entrevistas abertas que foram realizadas de forma individual gravadas no dispositivo do celular e participação no grupo de estudo e pesquisa de gêneros do IFES Vila Velha, que foi fonte de dados e aprofundamento teórico.

O espaço de pesquisa foi o IFES, Campus Vila Velha localizado na Avenida Ministro Salgado Filho e o trabalho foi desenvolvido nas salas dos professores, espaço de planejamento e descanso dos docentes.

Outro espaço da pesquisa foram os encontros do grupo de estudo e pesquisa de gêneros do IFES Vila Velha, projeto este que envolve na equipe alunos dos cursos técnicos e licenciaturas do Campus e que funciona há um ano e meio, realizando pesquisas em instituições de ensino, públicas e privadas, com

alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, alunos do ensino médio e de nível superior.

Os sujeitos envolvidos nestas pesquisas foram 15 docentes, homens e mulheres, 13 do curso Técnico de Química do turno vespertino, sendo 11 mulheres e 2 homens, e 2 docentes homens do curso de licenciatura de química.

A coleta de dados, envolvendo a participação no grupo de estudo e pesquisa de gêneros do IFES Vila Velha, as entrevistas e as observações ocorreram em fevereiro e março de 2016.

## **2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A análise revelou que muitos profissionais, principalmente os mais jovens, dentre eles professoras que ainda não são mães, relataram abrir mão de alguns aspectos da vida pessoal em prol da profissional. Já as professoras com mais tempo no mercado de trabalho e com filhos abriram mão de algum aspecto da vida profissional para se dedicar a maternidade. Observou-se que a carga de responsabilidade com os filhos é maior para a mulher. Verificou-se que muito difícil conciliar a profissional com a mãe, uma vez que a responsabilidade biológica da gestação e amamentação é da mulher, bem como a maior parcela dos cuidados com os filhos como levar ao médico, a escola e os cuidados com a higiene. Na observação percebeu-se pelos relatos que até mesmo a presença da mãe é mais requerida do que a do pai nas escolas e médicos.

Segundo Hirata (1996), hoje os homens dizem que trabalham em casa, é raro dizerem que não fazem trabalhos domésticos, mas enfatiza que o que se percebe é que é mais raro os homens dizerem que fazem algum trabalho doméstico com regularidade.

Ainda, de acordo com Hirata (1996), a relativa democratização de emprego de mulheres em posição qualificada não deve ocultar a divisão sexual, do poder e do saber e este paradoxo só pode ser explicado e sustentado no trabalho doméstico, realizado pelas mulheres gratuitamente e por amor.

Apesar do IFES campus Vila Velha ter um grande número de alunas no curso de química, técnico e superior, de professoras atuando nestes cursos, duas coordenações geridas por mulheres e o cargo de diretoria do Instituto ser ocupado por uma mulher, a pesquisa revelou que o IFES ainda não teve uma mulher ocupando o cargo de reitora.

Embora a maioria dos professores e professoras não reconheçam diferenças na participação da mulher em altos cargos neste Campus, ressaltando que há igualdade de oportunidades, valorização e competência das profissionais femininas, fica visível que ainda não há equidade de gêneros no trabalho quando a maioria dos mais altos cargos são ocupados por homens.

O mesmo ocorre quanto ao de tratamento entre homens e mulheres dentro da instituição. A maioria diz não haver diferenças ou não as percebe, acreditam que todos são valorizados e respeitados da mesma forma, entretanto há os que revelam a produção do diferente mesmo que não seja de forma negativa ou mesmo a diferença minimizada ou travestida.

Na relação professor e aluno, também ficou evidenciada a produção da diferença relacionada ao gênero em que se mostra minimizada ou oculta. Para a maioria a relação é bem respeitosa e não há problemas nas relações de gêneros entre os próprios alunos. Entretanto o conflito dos âmbitos também se apresenta entre as alunas mães, algo que se aplica apenas às mulheres. A responsabilidade com os filhos fazem com que algumas jovens precisem faltar às aulas.

Deste modo fica evidente que mesmo de forma sutil, minimizada ou oculta existem diferenças entre os gêneros, que muitas vezes é interpretada como natural, ou seja, dentro do regime da normalidade, dos moldes hegemônicos, o que é aceito pela maioria é considerado como normalidade e assim se produz o diferente. São inegáveis os avanços relacionados à questão de gêneros dentro do IFES Campus Vila Velha, uma vez que se trata de um Campus com grande participação feminina tanto na discrição como na docência, entretanto, Saffioti e Vargas (1994) discorrem que a participação majoritariamente feminina no corpo docente não significa, porém, escapar às discriminações sexistas do mercado de trabalho. De tal modo, se faz necessário a tomada de consciência por parte da sociedade e principalmente da mulher, das diferenças que elas ainda enfrentam no mercado de trabalho, mesmo que sutis.

### **3. CONCLUSÕES**

Nesta pesquisa constatamos que o regime da normalidade tem produzido diferenças entre os gêneros na docência da Educação Profissional e Tecnológica do IFES campus Vila Velha de forma sutil ou imperceptível, ou até mesmo silenciada na instituição escolar, na contramão do que deveria ser a escola: espaço de debate, reflexão e pensamento crítico. A escola deveria e deve ser o lugar para se quebrar os paradigmas impostos pelo regime colonial a que somos submetidos. Mas se há impercepção ou silêncio a escola não acaba por perpetuar sua colonização?

São os discursos que produzem a diferença entre homens e mulheres docentes nas ciências duras. É provável que esta diferença sutil se dê neste espaço especificamente, uma vez que as docentes desta instituição vivenciam o empoderamento da mulher, são professoras bem remuneradas quando comparadas a professoras de outros níveis, principalmente da educação infantil e ensino fundamental e que tem a possibilidade de acessar funções e cargos de gestão e de prestígio social.

O fato é que esta diferença sutil não atravessa apenas as docentes e os docentes, mas tem impactos direto na Educação Profissional e Tecnológica, pois ao acreditar que não há produção de diferenças, as relações de gêneros não são tratadas, debatidas e superadas em sala de aula. Os debates ocorrem no grupo de estudo e pesquisa de gênero do Campus, mas é preciso que se amplie para toda instituição. Tratando-se da ciência o debate das relações de gêneros é pertinente, pois é preciso refletir sobre a exclusão feminina da produção científica e as conseqüências para a ciência e a tecnologia.

Nunes et al (2009) discorrem que apesar da importância em se tratar desse assunto, a literatura brasileira sobre o tema, e em específico a participação da mulher na química, ainda é incipiente e de acesso limitado.

Para a superação das desigualdades entre os gêneros uma das ações é a sensibilização, a tomada de consciência de que há uma dominação masculina e simbólica na sociedade, presente também no espaço educacional, para que assim seja possível promover uma mudança comportamental nos docentes na busca por uma igualdade de gêneros. As pesquisas na área de gênero muito tem a contribuir, tanto para desvelar a produção do diferente dentro do regime da normalidade quanto para superá-la. Deste modo espera-se que este artigo seja uma parcela da contribuição para desvelar e superar as diferenças nas relações de gêneros.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**/Pierre Bourdieu: tradução Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

BUTLER, Judith. **Seu comportamento cria seu gênero** (legendado). 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9MIqEoCFtPM>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

CNPQ. **Mapa de investimentos**. Disponível em: <<http://cnpq.br/mapa-de-investimentos>>. Acesso em: 30 de març. 2016.

DURKHEIM, Émile. Da Divisão do Trabalho Social. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo. **Diversidade e Inclusão**: Interrogando o colonial na educação profissional. In: FREITAS, Rony et al (Org.). Repensando o PROEJA: concepções para a formação de educadores. 1ed. Vitória - ES: Gráfica Editora Fátima, 2011, v. 1, p. 147-176. Disponível em: <<http://cead.ifes.edu.br/moodle/mod/resource/view.php?id=187180>>. Acesso em: 23 set. 2015.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

HIRATA, Helena. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. In: Transcrição na íntegra da Palestra de abertura da Semana de Tecnologia do Programa de Mestrado em Tecnologia do CEFET- PR. Paraná: Revista Educação e Tecnologia, 1996. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1081>>. Acesso em: 23 de març. 2016.

NADER, Maria Beatriz. **A vida em desunião**: violência, gênero e denúncia. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: RN. 2013.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade. In: NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira (Org.). **Mulher e gênero em debate**: representações, poder e ideologia. Vitória: EDUFES, 2014.

NUNES, Albino Oliveira et al. **A história de sete mulheres na química**. 2009. Periódico Tchê Química. Vol. 6 - N. 11 – JAN/2009. Porto Alegre – RS. Brasil. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/albinonunes/artigos-1/historia-de-sete-mulheres-na-quimica>. Acesso em: 22 de març. 2016.

POLETTO, Fernanda. A participação das mulheres na ciência brasileira. 15 jun. 2009. **Bala Mágica**. Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/balamagica/>>. Acesso em: 21 de març. de 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani; Vargas, Monica Muños. (Org.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS; Brasília: UNICEF, 1994. p. 271-283.

\_\_\_\_\_. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.